

A lógica da analogia

A palavra "símbolo" pode apresentar vários sentidos. Para Cassirer é todo processo de ordenação do cos sensível de que resultam a percepção, a linguagem, o mito, a música e todas as demais formas culturais. Ricoeur entende por símbolo "toda estrutura de significação onde um sentido direto, primário, literal, designa ainda um outro sentido indireto, secundário, figurado, que não pode ser apreendido senão através do primeiro. (1) É, finalmente, aqueles que redigem o símbolo à analogia.

Seu queir nos filiar a esta última posição, cremos poder dizer que, apesar das diferenças fundamentais entre ^{estes} as diversas concepções sobre o símbolo, todas o identificam com um processo de constituição de um sentido, entendendo por este processo um movimento de vinculação com mais de uma significação. E, neste caso, responder o que é a lógica do símbolo é responder o que é a intuição analógica. Senão vejamos.

A razão humana parece se orientar por dois princípios fundamentais: o princípio da identidade que opera sobre a coerência do mesmo e sobre

mas consequências não contraditórias; o princípio da analogia que opera sobre as correspondências do semelhante. Embora na história das civilizações se constate o predomínio ora de um ora de outro destes princípios, ambos têm-se alicerces fundamentais na constituição do que poderíamos denominar "saber humano" expresso nas diferentes manifestações culturais.

O princípio da identidade postula a igualdade absoluta do "idêntico sempre igual a ele mesmo" com o "uno" em todas as relações consideradas racionalmente consideradas racionalmente coerentes. Ora, a identidade absoluta é puramente ideal, inexistente no mundo empírico assim como na prática cotidiana. Não tem significação concreta nem existencial. (2) Como observa Allean, a realidade não exige "que nós a reduzamos aos limites de nosso pensamento; ela nos convida, na verdade, a nos fundir na ausência dos seus". (3) Ou, ainda, o homem "não é somente capaz de conhecer ao menos uma parte do real, racional e cientificamente. É preciso atribuir-lhe o poder de

adivinhar o resto e, pelo menos, entender o que seu saber não atinge". (4) Em outras palavras, existe um "a mais" experimental e conceitual que a lógica da identidade não esgota.

O princípio da analogia rege a apreensão deste "a mais", em função do qual toda experiência e todo conceito adquire sentido. E o faz explorando e pressentindo semelhanças de relações, utilizando não uma idéia clara e distinta mas um meio indireto de comunicação, como, por exemplo, o símbolo.

Atendendo aos interesses de ordem imediata da pesquisa em que se insere este nosso trabalho, deixaremos de lado as características epistemológicas do conhecimento por analogia e trataremos diretamente do que parece definir a técnica propriamente dita de estabelecimento de analogias. Podemos dizer que uma lógica da analogia se caracteriza fundamentalmente pelas seguintes opera-

ções:

estabelecimento de uma dinâmica lógica de conteúdos concretos

Segundo René Allier, a origem profunda da analogia seria puramente experimental e comum a todos os seres vivos. A base do raciocínio por analogia seria o processo de nutrição, i.e. de assimilação do vivo pelo vivo.

"A lógica da analogia se impôs ao homem desde a pré-história pelas condições concretas da economia da caça e pela tecnologia do mimetismo e estratégia de cidades" (5)

Para Cassier, igualmente, enquanto a construção do conceito científico, propriamente dito, responde a uma lógica fundamentada na aplicação do princípio de identidade, (princípio de economia que reduz a polivalência de significações própria à concretude a um processo de ordenação serial), a lógica do mito tem por base a concretude.

estabelecimento de uma semelhança de relações e não de uma relação de semelhança.

Como observam Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, citando P. Genet, a analogia não é o estabelecimento de uma simples semelhança. (6) O valor da analogia diz, por sua vez, Cassirer permanece incompreensível se for entendida como uma simples semelhança sensorial entre casos singulares. Ela se fundamenta, verdadeiramente, na intuição e nas leis unitárias e quantitativas da estrutura, leis que regem o ser no seu conjunto. (7).

Confrontação de estruturas semelhantes, pertencentes a domínios diferentes.

A analogia é um raciocínio que diz respeito às relações que existem no interior do (que se constitui dos termos usados para estabelecer o raciocínio) e no interior do "tema" (que se constitui dos termos sobre os quais incide a conclusão). Assim, por exemplo, na seguinte analogia tirada da "Metafísica" de Aristóteles:

"Da mesma maneira que os olhos dos mergulhadores são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de uma alma ^{tema} é ofuscada pela luz do dia, a inteligência de uma alma

é ofuscada pelas coisas mais naturalmente ^{tema} evidentes". (8)

A semelhança não é estabelecida a partir das propriedades particulares ou das partes destes objetos, mas a partir das relações recíprocas entre estas propriedades ou estas partes. (9) Para que haja analogia o tema e o "tema" devem pertencer a domínios diferentes. Tudo o que coloca uma diferença de natureza ou uma diferença de ordem, como, por exemplo, a oposição entre o "infinito" e o "finito", leva a instituir domínios separados, nos quais poderão se situar o tema e o "tema". (10)

- Processamento de crescente perda da polivalência de significação.

A criação do símbolo resultaria de um processo crescente de perda da polivalência de significações em relação, por exemplo, ao arquétipo. Mas há, pois, que buscar o espelho do movimento de simbolização sob a forma de um modelo ou padrão determinados, mas sob a forma de uma estrutura relacional. Por isso, observa Allou, um símbolo não significa, ele evoca e focaliza, reúne e concen-

ter uma multiplicidade de significações.

Religamento do antropos em o cosmos através do poder do logos.

"Se há um ponto sobre o qual as sociedades primitivas e as civilizações de tipo tradicional em suas diversas estádios de ascensão é o da origem não humana dos símbolos." (11) A lógica do símbolo se situa ao nível de uma visão hierofânica, ou seja, do oculto, dos poderes não humanos, reunificando o antropos em o cosmos, através do poder do logos.

Observação: o pressuposto do presente trabalho consistirá no desenvolvimento das operações aqui apontadas como características de uma lógica da analogia, mediante um aprofundamento das respectivas implicações e uma análise de exemplos colhidos nas diversas expressões culturais, particularmente do ~~cultura~~ ^{poema} brasileiro.

Rio, dezembro de 1983

Selma Off das Dornes

- (1) Ricoeur (P.) "Le conflit des interprétations", ed. du Seuil, Paris, 1969.
- (2) ^{1er} Allean (R.) "La science des symboles" - ed. Payot, Paris, 1942.
- (3) Allean (R.) Op. cit. p. 21.
- (4) Allean (R.) Op. cit. p. 86
- (5) Allean (R.) Op. cit. p. 14.
- (6) Perelman (Ch.) & Olbrechts-Tyteca (L.) "Traité de l'argumentation - (La nouvelle rhétorique) - ed. de l'Université de Bruxelles - 1976.
- (7) Cassirer (E.) "Substance et Fonction", les ed. de Minuit, Paris, 1977.
- (8) Perelman (Ch.) & Olbrechts-Tyteca (L.), Op. cit. p. 501
- (9) Définitions de Harald Höpfling in "Le concept of d'analogie" Vrin, Paris, 1931, cit. par Allean (R.) Op. cit.

Ris, décembre de 1983

Selma Offenberg